

The theory of the individual in economics. Identity and value¹

*Solange Regina Marin*²

A possibilidade de individualizar as pessoas é uma questão-chave para o estudo do comportamento humano. Através de “como” o indivíduo age é possível descobrir a sua personalidade, ou seja, a sua identidade pessoal. A identidade pessoal atua como se fosse uma marca da personalidade individual que nos diz como o indivíduo atua no ambiente social e a descoberta dessa identidade possibilitaria a aprendizagem sobre o ambiente econômico. É por isso que o problema da individualização seria relevante para a Economia. É em vista disso que John B. Davis propõe investigar o agente econômico no âmbito ontológico.

Davis parte da visão ontológica subjetivista de John Locke, dado que ela representa o fundamento da teoria econômica ortodoxa. Para Locke, a identidade pertence a cada pessoa em particular, sem um único elemento objetivo que possa caracterizá-la. Ela é subjetiva porque constitui a “consciência” individual. Se pudermos separar a consciência do sujeito, em sua constância no tempo, os indivíduos são diferenciados. A teoria econômica ortodoxa fixou a consciência do indivíduo na liberdade de escolha dos seus desejos ou preferências. Davis explica que, no entanto, a concepção da ordem bem-comportada das escolhas retirou a idéia de liberdade que fundamenta a consciência desse indivíduo.

A crítica à visão subjetivista de Locke nos conduz ao indivíduo submetido às concepções sociais e ao pensamento heterodoxo em Economia, prossegue Davis. O indivíduo se identifica com os outros a partir da observação dos outros. A personalidade individual existe, como contida na idéia de consciência de Locke, mas isso não resolve o problema da identificação que produz o conceito dessa individualidade. Essa identificação, Davis esclarece, tem sido discutida, primeiro, no âmbito da diferenciação de forças sociais (consumismo, política). Em segundo lugar, no pressuposto de que seria ilusório considerar que o indivíduo age livremente segundo a sua personalidade particular; ele tem que desempenhar um papel social em grupos que detêm a sua identificação própria (feministas, ambientalistas), o que limita a sua liberdade de ação.

Davis sugere investigar essa questão transitando entre essas duas teorias e suas ramificações. Para isso, estabelece critérios de identificação que seguem um padrão – *the standard is an ontological one that assesses whether a particular account of individuals fulfill the most basic requirements for talking about individuals* (p. 14). São dois: como reidentificar a identidade pessoal já estabelecida e como individualizar indivíduos incorporados em grupos sociais.

(1) Davis, John Bryan. London: Routledge, 2003. 240p.

(2) Professora Adjunta do Departamento de Administração da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) / Centro de Educação Superior Norte-RS (CESNORS).

Davis apresenta a evolução da teoria ortodoxa com a concepção atomística de indivíduo – a idéia de que os indivíduos são relativamente autônomos uns em relação aos outros –, desde o conceito subjetivista neoclássico, até a visão do indivíduo como um elaborador de estratégias de jogos na teoria contemporânea. Sendo os desejos (as vontades) individuais a explicação para o que os indivíduos fazem, surge uma expressão poderosa na noção de que a escolha poderia ser formalizada como escolha racional. Desde a teoria tradicional do equilíbrio geral walrasiano, com a prova de um teorema assentada em axiomas independentes de transitividade, continuidade e assimetria, a preferência perde a sua caracterização psicológica. Mas a eliminação da psicologia da análise da escolha, Davis ressalta, é expressiva no trabalho de Paul Samuelson sobre a preferência revelada. Depois disso, a escolha depende mais da especificação formal do que da descrição de um fenômeno natural. Para Davis, isso mostra que o atomismo, ainda que possa ser revisto em termos formais, não permite uma base para individualizar os agentes. Davis enfatiza a caracterização abstrata de indivíduo da economia ortodoxa e a sua falsa constatação de que tinham sido resolvidos os problemas com a concepção subjetivista de Locke. Os problemas da teoria neoclássica são de natureza ontológica e tornam essa concepção de indivíduo indefensável. Davis aplica, então, o teste da reidentificação em duas visões neoclássicas de indivíduo: a visão da preferência pura e o modelo de alocação de tempo que complementa a preferência com a incorporação do capital humano.

Na versão da preferência pura, Davis destaca três maneiras de o indivíduo ser representado como independente: segundo suas próprias preferências, seus recursos e suas informações iniciais. Os recursos e as informações que os indivíduos possuem não servem para reidentificá-los, pois esses elementos podem mudar como um resultado das escolhas que eles fazem, isto é, são endógenos à escolha. Com indivíduos distinguidos em um determinado ponto do tempo de acordo com a posse particular de um conjunto de recursos e informações, qualquer mudança nesse conjunto não identifica esse indivíduo como sendo o mesmo em um tempo posterior. As preferências, contudo, identificam os indivíduos, mesmo ao longo de mudanças. De acordo com a visão-padrão, quando as preferências do indivíduo são bem-ordenadas e representadas por uma função de utilidade, ocorre que nem as preferências e nem a função de utilidade que as representa são modificadas pelas escolhas do indivíduo. É aqui que falha o teste de reidentificação, como aborda Davis. O autor prossegue o teste da teoria econômica ortodoxa, envolvendo subseqüentes caracterizações *ad hoc* do indivíduo, verificando em todos os casos a ausência de uma teoria de individualização.

A ênfase de Davis na explicação do indivíduo socialmente incorporado está nos modelos de agência-estrutura da teoria social para o indivíduo e a sociedade, cuja primeira contribuição é a de Anthony Giddens: o *self* é construído em práticas sociais e não pode ser explicado, seja em termos das características individuais, seja em termos de qualquer filosofia transcendental do ego. Outra maneira de ver o indivíduo na agência-estrutura é a caracterização ambivalente de indivíduos socialmente incorporados de Mark Granovetter. Granovetter investiga como o indivíduo recebe e influencia as estruturas sociais. Davis afirma que a segunda parte é a mais problemática. Exige que sejamos capazes também de explicar como os indivíduos possuem um poder de agir sobre seu ambiente social: *this can be solved by coupling the concept of the individual as an agent with the concept of the*

individual as a reflexive being (p. 114). Segundo Davis, o importante é aplicar o *self-concept* da psicologia social – *the idea that individuals can take themselves as objects* (p. 117) – no modelo de estrutura-agência para melhorar o conceito de indivíduo socialmente incorporado, e oferecer à teoria social e à Economia uma explicação dos indivíduos como seres reflexivos.

Davis apresenta diferentes caracterizações de indivíduos socialmente incorporados na economia heterodoxa recente – institucionalismo, economia social e realismo crítico. Essas visões, ao fornecerem um *background* geral da concepção desse indivíduo com base na agência-estrutura, incorporam algum entendimento da flexibilidade individual. Para Davis, a larga estrutura na qual o indivíduo socialmente incorporado opera é a estrutura da agência: *that individuals influence social structure and social structure influence individuals* (p. 128).

O comportamento socialmente incorporado, consistente com a agência-estrutura da teoria social, está baseado em algum tipo de intencionalidade coletiva. Dentre as contribuições filosóficas para a intencionalidade compartilhada, Davis destaca a análise de Raimo Tuomela, cujas principais características são: (i) o indivíduo que expressa a *we-intention* acredita que essa intenção é assegurada por outros membros do grupo e (ii) o indivíduo que expressa essa intenção acredita que isso é mutuamente assegurado pelos membros do grupo.

O desafio da concepção de indivíduo socialmente incorporado, Davis ressalta, é explicar como indivíduos relacionados uns com os outros ainda assim são individualizados. Davis, então, salienta a interação entre a intenção compartilhada e os grupos sociais, e afirma que nessa conexão a capacidade que os indivíduos têm de se auto-impor coisas é coexistente com a aceitação deles em saber o que está envolvido nos grupos sociais. Exercitar essa capacidade nos diz como os indivíduos ocupam diferentes posições nos grupos. Para Davis, a forma pela qual os indivíduos ocupam diferentes posições nos grupos sociais – a capacidade do indivíduo de se auto-impor coisas –, seria a base para distingui-los.

Como aplicado na Economia ortodoxa, o critério da reidentificação quer analisar como os indivíduos socialmente incorporados são transformados no tempo como resultado de suas ações. Davis usa a abordagem da capacitação de Amartya Sen para testar a possibilidade de distinguir os indivíduos. Se os indivíduos são capazes de impor responsabilidade sobre si mesmos, eles também podem ser reidentificados através da mudança na sociedade de grupos. Seguindo a abordagem de Sen, Davis afirma que a existência de oportunidades reais e não apenas as oportunidades realizáveis é uma dimensão fundamental da vida. Isso é importante para o comprometimento dos indivíduos com os grupos sociais, pois essa interação em grupos cria oportunidades que não são seguidas, mas que poderiam ser buscadas pelos indivíduos.

Para Davis, os indivíduos socialmente incorporados são reidentificados na medida em que eles têm sucesso em desenvolver a capacitação para participar livremente nos vários grupos sociais. Essa capacitação permitiria reidentificá-los, como indivíduos relativamente independentes, no processo de mudança. Se os indivíduos aprendem como determinar os termos sobre os quais participarão nos grupos, eles participam de grupos sociais numa base relativamente independente. Porém, problematiza Davis, nas trocas de

experiências nos diferentes cenários sociais, muitos indivíduos não são capazes de desenvolver a capacitação no sentido de oportunidades reais. Segundo Davis, a concepção do indivíduo socialmente incorporado falha no teste da reidentificação, não porque a concepção da capacitação seja inadequada para falarmos de indivíduos, mas porque a organização da nossa sociedade impede que ela seja efetivamente levada adiante.

O livro de Davis propõe considerações para uma análise mais realista e rica do indivíduo na Economia. O ponto central é trazer a discussão ontológica para o âmbito da metodologia em Economia, e isso é exemplificado nos critérios ontológicos para o teste das definições de indivíduo na economia ortodoxa e heterodoxa. O mérito da iniciativa de Davis é buscar na ontologia uma possível explicação para a ausência de uma teoria da identidade pessoal na Economia. A narrativa atinge elevado grau de contribuição para o pensamento econômico quando testa as diferentes teorias com os critérios de identidade pessoal. Davis mostra que a teoria econômica falha na identificação do indivíduo e que ainda não foi desenvolvida uma teoria da identidade pessoal do agente econômico. Fica aberto por Davis esse fundamental campo de busca dessa identidade e, em decorrência, de um melhor entendimento da ação racional em Economia.